



Jornal Negócios

16-09-2011

Periodicidade: Diário
Classe: Economia/Negócios
Âmbito: Nacional
Tiragem: 17000

Temática: Banca/Seguros
Dimensão: 1372
Imagem: S/Cor
Página (s): 1/16/17

Como um desconhecido abriu um buraco num banco suíço

Mercados 16 e 17



Aposta na valorização do franco suíço deixou por terra investimentos de um director do UBS e terá provocado perdas de 1,4 mil milhões de euros.

Andrew Winning/Reuters

16.09.11

“Preciso de um milagre” escreveu Kweku Adoboli no Facebook a 6 de Setembro, dia em que o Banco Nacional Suíço interveio, de surpresa, no franco. A intervenção divina nunca chegou e nove dias depois o ganês era preso e o UBS revelava perdas de 1,44 mil milhões em transacções não autorizadas. O caso promete ressuscitar o debate sobre a regulação.

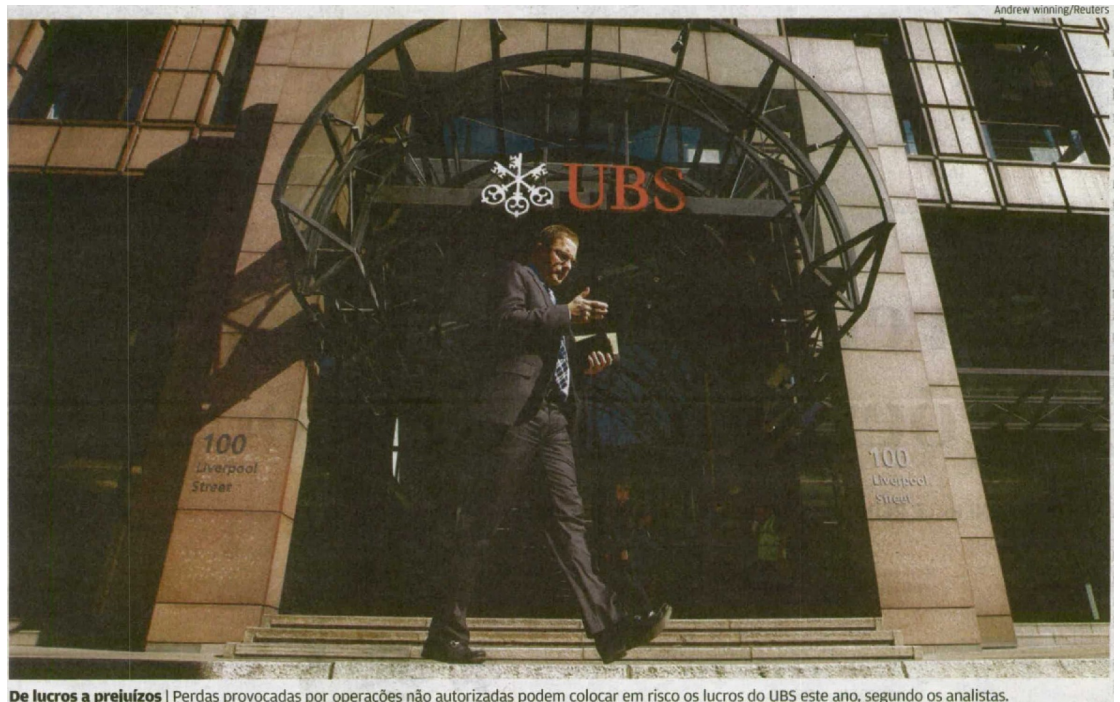
02h30

Kweku Adoboli foi detido ontem de madrugada pela polícia britânica por suspeita de fraude financeira.

UBS

Como se abre um buraco de 1,4 mil milhões num banco

Rumores de mercado apontam para que a aposta na valorização do franco tenha sido responsável pelas perdas provocadas por Adoboli no maior banco suíço



De lucros a prejuízos | Perdas provocadas por operações não autorizadas podem colocar em risco os lucros do UBS este ano, segundo os analistas.

ANDRÉ VERÍSSIMO
RAQUEL GÓDINHO

“Todos nós acabámos de ver um ano inteiro de trabalho ir por água abaixo. Nenhum de nós vai receber um aumento ou um bónus este ano por causa de um só tipo”, disparou um funcionário do UBS em Londres, em declarações ao “Evening Standard”, quando questionado sobre a descoberta de um buraco de 1,44 mil milhões de euros que pode comprometer os lucros de 2011 do banco de investimento suíço. “Não consigo acreditar no que aconteceu”, acrescentou.

A ideia de uma só pessoa ser capaz de criar um buraco colossal nas contas de um dos mais sofisticados bancos do mundo, sem que ninguém entretanto disso dê conta, desafia a lógica. Mas não é a primeira vez que acontece.

31 anos. Era a idade de Jérôme Kerviel quando, em Janeiro de 2008, se descobriu que tinha provocado uma perda de 4,9 mil milhões de euros ao Société Générale, através de transacções não autorizadas. É também a idade de Kweku Adoboli, o corretor do UBS detido ontem de manhã pela polícia britânica por suspeita de fraude e que terá provocado perdas de 1,44 mil mi-



Kweku Adoboli, formou-se no Reino Unido em ciências informáticas. Entrou para a UBS em 2006.

lhões de euros, também com operações para as quais alegadamente não estava autorizado.

As semelhanças não terminam aqui. Tal como Kerviel, Adoboli trabalhava na divisão Delta 1 do banco. Esta área é considerada uma das mais importantes na corretagem dos bancos e é das poucas onde continuam a haver contratações.

O ganês era um dos directores da divisão de Exchange Traded Funds (ETF): fundos transaccionados em bolsa que seguem o desempenho de um activo subjacente, como índices de acções ou matérias-primas. Adoboli negociava com ETF sintéticos, que usam estratégias complexas que passam pelo investimento em instrumentos derivados.

Além de actuar como “fazedor de mercado”, ao providenciar preços de compra e venda para as transacções dos clientes do banco,

esta área faz também investimentos com o dinheiro do próprio banco – a chamada “carteira própria” – procurando aumentar os lucros da instituição.

“Preciso de um milagre”

Os contornos da operação ainda não são conhecidos. Rumores que circulavam ontem nas salas de mercados das corretoras apontavam para uma aposta em francos suíços que correu terrivelmente mal. Adoboli estaria a apostar na valorização da moeda, que vinha a ganhar terreno contra outras divisas devido aos receios em torno da crise da dívida, quando no dia 6 o banco central da Suíça anunciou que iria intervir no mercado para travar a valorização do franco face ao euro, de forma a proteger a economia doméstica.

O franco suíço perdeu naquele dia mais de 8% contra o euro e o dólar. Na mesma data o ganês colocou a sua última mensagem no Facebook: “Preciso de um milagre”. Antes da página ser encerrada, vários amigos deixaram mensagens de apoio. A conta do LinkedIn foi também cancelada.

“Pela sua escala, este é certamente o maior caso num banco suíço”, afirmou um porta-voz do

regulador helvético da banca, a Finma. O caso promete reacender velhos debates sobre a supervisão da indústria financeira.

“É surpreendente como um corretor possa infligir tamanhas perdas no final de 2011, depois das lições que todos os bancos deveriam ter aprendido com a fraude Kerviel na Société Générale”, afirmou Simon Morris, um jurista da CMS Cameron McKenna, em declarações à Bloomberg.

Além da responsabilidade disciplinar, civil e criminal do corretor, Paulo Câmara, advogado da Sérulo & Associados, alerta que segundo a legislação europeia “a administração é responsável pelo sistema de gestão de risco, controlo interno e de ‘compliance’”. (ver texto ao lado).

O jurista considera ainda que este caso “vem reabrir a discussão regulatória sobre o funcionamento dos ETF mais complexos” que, “na verdade são ainda figuras não reguladas”. Paulo Câmara diz também que em causa pode estar a separação das transacções em nome do cliente das que são por conta própria do banco. Esta última área “tem mais risco e deve ser segregada”, defende. Foi neste sentido que caminhou a reforma do sistema financeiro nos EUA.

“Para fazer uma operação escondida, só com recurso a fraude”

João Borges, director do departamento de auditoria interna do Banco Carregosa, frisa que actualmente há muitos mecanismos de controlo

Actualmente, as transacções financeiras englobam vários mecanismos de controlo, aos quais é difícil de fugir. Para levar a cabo uma operação escondida, é preciso recorrer à fraude ou ter um cúmplice. Quem o diz é João Borges, director do departamento de auditoria interna do Banco Carregosa.

Ainda não há muitas explicações sobre a forma como Kweku Adoboli levou a cabo operações não autorizadas por parte do UBS e durante quanto tempo. Mas, foi revelado que o valor das perdas nas quais o banco incorre ascende a 1,44 mil milhões de euros.

“Para fazer uma operação escondida, diria que só com recurso a fraude e com a conivência, pelo menos da contraparte do negócio”, explica ao **Negócios** João Borges. O director do departamento de auditoria interna do Banco Carregosa relembra que “há muitos mecanismos de controlo e muito dificilmente se consegue fugir deles”.

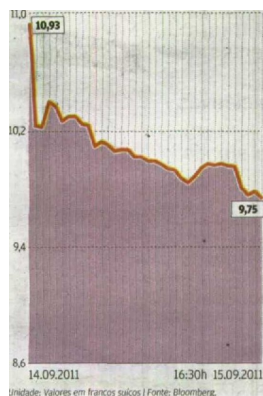
João Borges explica que, actualmente, existem três “polícias internas”, sendo eles o “compliance”,

que previne fraude, falhas e erros, o departamento de risco, que analisa as operações numa base diária, e a auditoria interna, que fiscaliza no pós-operação. Estas três entidades fiscalizam-se entre si.

Já Pedro Lino, administrador da Dif Broker, ressalva que “depois do alerta dado pelo que aconteceu com o ‘trader’ no Société Générale, não devia ser possível, em condições de mercado normais, haver problemas deste tipo, que tivessem um impacto nos resultados do banco desta grandeza”. Os analistas dizem que o caso pode empurrar o UBS para prejuízos em 2011.

Como se evita que uma fraude ponha em causa a estabilidade financeira de um banco? “Os critérios de recrutamento das instituições financeiras deviam atender a razões de carácter, ética, para além do currículo”, defende João Borges. E alerta que “os planos de remuneração variável podem constituir um incentivo perverso”, levando os funcionários a assumirem mais risco.

UBS DESVALORIZOU PERTO DE 11% EVOLUÇÃO DAS ACÇÕES AO LONGO DA SESSÃO DE ONTEM.



O UBS reflectiu em bolsa a notícia das perdas de 1,44 mil milhões de euros em que deverá incorrer devido à fraude. As acções caíram 10,8% para os 9,75 francos suíços, o valor mais baixo desde Março de 2009.

EFEITOS COLATERAIS DO CASO ADOBOLI

UBS PODE ABANDONAR BANCA DE INVESTIMENTO

Desde a crise financeira do “subprime”, que provocou perdas de 50 mil milhões de euros no UBS, que a área de banca de investimento tem estado sob ataque cerrado. O facto de o Estado ter sido obrigado a tapar parte do buraco faz com que o tema se tornasse arma de arremesso político. O caso revelado ontem deu novos argumentos aos que defendem que o UBS se deve concentrar na gestão de activos e de fortunas.

MAIS REGULAÇÃO

O parlamento suíço discutiu ontem novas regras para as instituições financeiras grandes demais para falir. O caso Adoboli vem dar argumentos aos que exigem o desinvestimento em áreas de risco, e promete também marcar o debate em curso no Reino Unido.

GALERIA DAS MAIORES FRAUDES



A fraude do francês Jérôme Kerviel foi descoberta em 2008, no auge da crise do “subprime”.

KERVIEL PROVOCOU AS PERDAS MAIS AVULTADAS DE SEMPRE

As perdas provocadas pelo francês Jérôme Kerviel ascenderam a 4,9 mil milhões de euros e são consideradas as mais elevadas de sempre decorrentes de uma fraude no sistema financeiro. O caso foi revelado em Janeiro de 2008 e decorreu de operações não autorizadas. Ao longo de 2007, o “trader” do Société Générale terá efectuado operações lucrativas, antecipando a queda dos mercados. Contudo, posteriormente, Kerviel desrespeitou as orientações da instituição e terá efectuado operações não autorizadas. Em Outubro de 2010, foi condenado a quatro anos de prisão.

LEESON LEVOU BANCO CENTENÁRIO À FALÊNCIA



A fraude de Nick Leeson é uma das mais mediáticas, por ter causado a falência do banco.

Nick Leeson é o protagonista de uma das fraudes mais conhecidas de sempre. Em 1995, provocou perdas de 1,3 mil milhões de dólares ao Barings, pelas apostas falhadas nos contratos futuros do índice japonês Nikkei. O banco britânico de 233 anos acabou por entrar em falência, pois as perdas que registou superavam o capital e as reservas da instituição financeira. Em Dezembro desse ano, o tribunal de Singapura condenou-o a seis anos e meio de prisão.

FRAUDE MILIONÁRIA NO JAPÃO EM POSIÇÕES NO COBRE

Yasuo Hamanaka provocou perdas entre 1,8 e cinco mil milhões de dólares. Esta fraude foi efectuada na divisão de “trading” de metais do Sumitomo. O “trader” ficou conhecido como “Mr Five Percent”, pois estimava-se que esta divisão controlava cerca de 5% da negociação mundial de cobre. Hamanaka manipulava o mercado através da LME (London Metal Exchange) e manteve a cotação artificialmente elevada durante cerca de uma década, até 1995. Quando foi afastado do seu lugar, por suspeitas dos reguladores, o preço do cobre afundou. Esteve preso oito anos.